

PROVISIONAL FIGURES

«São histórias que precisavam de ser contadas»

Bob, 56 anos, estava desempregado e a fazer trabalho voluntário na biblioteca pública da sua terra quando uns portugueses apareceram em Great Yarmouth e o abordaram. Tendo sido músico, Bob pensou que talvez pudesse ajudá-los musicalmente, ou sonoplasticamente. Como tinha tempo, aceitou o reperto e fez o conjunto de *workshops*. Victoria, 44 anos, estava internada num hospício desde há dez anos. «A minha vida não era nada. Eu era uma espécie de zombie. Apareceu um *flyer* a anunciar os *workshops* e eu decidi ir fazê-los, sabendo que estaria fora da minha

zona de conforto. Eu estava sempre calada. Tomava tranquilizantes e anti-depressivos. Esta experiência deu-me confiança. Para poder apanhar um avião sem ter medo, por exemplo. Ou simplesmente para não reecer a interação com as outras pessoas».

Embora o projecto como um todo tenha levado dois anos a erguer, houve nove meses particularmente intensos, entre a investigação no terreno, para recolher informação e enformar uma narrativa a partir dos contributos pessoais, e os *workshops* (conduzidos por Nuno Lopes, Sara Carinhas, Romeu Runa e Victor Hugo Pontes).



© Luana Santos

«Todos contámos as nossas histórias de vida», diz Victoria, «desde o nascimento até esse momento». Bob acrescenta: «São histórias que precisavam de ser contadas. É um pouco como se fosse jornalismo de investigação.» Foi durante os últimos dois meses desse período que o espectáculo propriamente dito tomou forma, contaram.

Bob, que agora já é capaz de pedir *uma omelete simples com batatas fritas se faz favor*, nunca tinha viajado para fora do seu país, nem tinha amigos de outros países, muito menos que não falassem a sua língua. «Isso abriu os meus horizontes. Ficar a conhecer as histó-

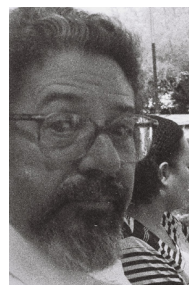
rias de pessoas de outros países muda-nos». Victoria acrescentou que «quando essas pessoas vêm de países onde não há Estado social, onde não há apoios para a habitação, para a saúde, para quando não podes trabalhar, isso é especialmente forte, muda a nossa maneira de ver o Mundo. Este projecto mudou a minha vida de forma drástica e fez de nós uma família».

Bob disse que não se vê a si mesmo como um actor, mas que houve qualquer coisa que mudou na sua relação com o teatro. «Esta experiência fez nascer em mim um enorme respeito pelo trabalho dos actores de teatro. As pessoas que nunca fizeram teatro não imaginam como é duro, a que ponto é exigente». Victoria, que com este projecto foi pela primeira vez paga para subir a um palco (ela que desde criança pequena sonhou ser uma *performer*), recordou que no início achou que tudo não passaria de uma actividade para passar algum tempo. «Mas depois percebemos que era a sério».

Provisional Figures apresenta-se hoje no Festival pela última vez, no Salão de Festas da SFIA, em Almada Velha, pelas 19h30. | S.A.

RAFAEL ÁLVAREZ
“EL BRUJO”

Amanhã matamos saudades



PEDRO NORONHA,
UM FIEL DO FESTIVAL

Rafael Álvarez (el Brujo, o Bruxo) é recorrente neste nosso Festival. Embora actue sempre sozinho em cena, ele enche o palco com a dinâmica, a força, a graça contagiantes que sabe transmitir-nos. Conhecemo-lo quando, em 1991, nos trouxe o seu *Lazarillo de Tormes*, surpreendente desempenho que o público justificadamente elegeu como Espectáculo de Honra, o que nos permitiu voltar a tê-lo connosco no ano seguinte.

Vimo-lo pouco depois (1994) em *La Sombra del Tenório*: uma nova visão sobre a morte de D. Juan (do D. Juan Tenório de Zorrilla ou de tantos outros pretensos D. Juans encubados que nos rodeiam?). Rafael Álvarez voltou ao nosso convívio em 2001 com um *Alcipreste*, que nos permitiu voltar a

gozar da sua arte, que já nos era familiar.

Desde então não tornámos a tê-lo em Almada; e há 18 anos que temos saudades dele. Acontece porém que, há menos de dois anos, tive ocasião de o ver em Mérida, no Festival de Teatro Clássico, com a peça *O Burro de Ouro*, de Apuleio. Para minha surpresa, o Rafael Álvarez que vi foi diferente do que eu esperava: outra forma de comunicar, outra maneira de estar no palco, outra estrutura do espectáculo. Essa transformação foi obra de alquimia? Efeito de bruxaria do “El Brujo”? Foi ele que se transmutou, fui eu que me transformei, ou será tudo um equívoco que o espectáculo de amanhã ajude a desvendar?

Seja como for: Rafael Álvarez seja “Bem-Revindo” a Almada!!!



© Maria Saavedra

Ésquilo, nascimento e morte da tragédia, a partir de Ésquilo e outros autores. Adaptação, encenação e representação de Rafael Álvarez, concepção de figurinos pelos Talleres Moustellier, cenografia pela equipa cenográfica das Producciones El Brujo, música original de Javier Alejano e desenho de luz de Miguel Àngel Camacho. Amanhã, segunda-feira, dia 8 de Julho às 22h00 no Palco Grande do Festival (Escola D. António da Costa, Almada).

Como fazer teatro com máscara

Começa amanhã o curso de formação com Hajo Schüler, encenador, actor e pedagogo, que este ano regressa a Almada também para apresentar o Espectáculo de Honra deste Festival, *Dr. Nest*. O curso será dividido em três sessões, com horários diferentes (consultar Programa), no Fórum Romeu Correia, sem-

pre entre as 14h00 e as 18h00. O percurso do artista inclui desde actuação a encenação com máscara, pelo que o seu olhar será completo no que toca a esta forma de fazer teatro. A máscara é um instrumento simples – e no entanto bastante complexo. Este objecto leva-nos directamente às origens do teatro.



Viviane De Muynck amanhã na Esplanada

Amanhã, segunda-feira, como sempre pelas 18h, teremos o privilégio de contar com a presença nos Colóquios na Esplanada de Viviane De Muynck, intérprete de *Guerra e terebintina*. Trata-se da narradora deste espectáculo, um papel muito interessante, que dá uma vida diferente a esta obra. Neste colóquio, o público terá a oportunidade de conversar com a actriz belga sobre a sua carreira e sobre este espectáculo, no qual Viviane contracena com o desespero: uma história que nos faz percorrer um dos mais duros períodos da História, aquele em que a Humanidade sucumbiu à sua essência mais animal, durante a Grande Guerra, em que a doença ceifava o amor, em que as máquinas tiravam vitali-



© Michiel Hendryckx

dade e a substituíam por marcas permanentes, no corpo e na memória. Um espectáculo que nos faz percorrer os caminhos do sofrimento ao som da voz e interpretação de De Muynck, tão intensa que parece que ela mesma vive o que narra. | L. F.

O que amar uma filha pode ser



© Elisabeth Carecchio

Amanhã, pelas 19h00, Bulle Ogier e Maria de Medeiros apresentam-se pela segunda e última vez na Sala Principal do TMJB para encarnar uma mãe e uma filha sobre as quais a escritora francesa Christine Angot escreveu, e que agora se metamorfosearam em personagens de um espectáculo de teatro. Eis uma criação que urde com engenho várias valências do teatro contemporâneo: transpor, exorcizar, documentar.

AGENDA DE AMANHÃ

CURSO DE FORMAÇÃO

14:00 **O sentido dos mestres com Hajo Schüler**
Fórum Romeu Correia

COLÓQUIO

18:00 **Viviane De Muynck**
Escola D. António da Costa

TEATRO

18:30 **Se isto é um homem**
Teatro Municipal Joaquim Benite

19:00 **Um amor impossível**
Teatro Municipal Joaquim Benite

MÚSICA

20:30 **Stefano Saturnini Trio**
Escola D. António da Costa

TEATRO

22:00 **Ésquilo, nascimento e morte da tragédia**
Escola D. António da Costa



Público do Festival no TNDM II, ontem, para ver *Guerra e terebintina*

© Luana Santos



Ontem, *Franto* no Palco Grande

© Luana Santos

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

- Carne guisada à grega
- Bacalhau com natas
- Pimentos recheados

AMANHÃ

- Filetes de frango com queijo cabra
- Salmão em papillote
- Massa soba c/ beringela e manga

